

Nunca foi tão difícil moradia em Brasília

Para o GDF a solução será a nova cidade-satélite de Samambaia. Enquanto isso, as invasões continuam

Foto: TANIA QUARESMA



Elas três se chamam Maria. Há dois anos estão juntas embaixo da mesma ponte

DIGA VOCÊ

Este é o material que nos foi enviado a título de colaboração. Aproveitamos para lembrar que assim como hoje divulgamos estes textos, também publicaremos foto, desenhos, poemas etc.

O encontro com a cidade

Sinto toda esta cidade dentro de mim; A chuva dissolve a carraça do tempo. As ruas moram e os homens vivem; sinto toda esta cidade.

Este corpo não é mais que virgula. Ocupa no espaço a pausa infinita, entre um e dois. Sinto nessa pausa o encontro marcado. (Ruy) 416 Norte.

Um hóspede no telhado

CARLOS SCHRANN

É muito difícil alguém admitir, sem recorrer ao imaginário, que manteve um "hóspede" em casa por mais de dois anos sem que ele manifestasse qualquer interesse em se apresentar e, por isso mesmo, sem nunca ter lhe aporinhado.

A possibilidade de que isso tenha ocorrido é, no mínimo, estranha, para não dizer absurda. Mas posso comprovar que, comigo, isso aconteceu e tenho testemunhas. Há até, uma prova material que acredito não tenha sido devorada pelos bichos do tempo: uma cama de papelão e um travesseiro de palha arranjados no forro de uma casa em Sobradinho.

Sua descoberta surgiu do acaso, e só me suscitou indagações, com as quais convivo até hoje. A família crescia. Maria estava para nascer e a casa reclamava uma pintura há tempos, principalmente na copa, onde havia uma baía infiltração.

O pintor, profissional atento, foi direto às causas da mancha preta no teto: desobstruiu as folhas acumuladas junto às calhas e recolocou goivas que estavam empilhadas em torno de uma clareira aberta entre o telhado e a laje do forro, na altura da copa.

Ele ainda não tinha terminado a obra quando Maria nasceu. E foi exatamente no dia de buscá-la na maternidade que procurou-se, atônito, sem entender nada, para contar-me que as telhas repostas estavam novamente fora do lugar.

Quem poderia supor que o forro da casa estava sendo habitado? Subimos e, de fato, o "mocó" estava lá, armado.

Moro em Brasília

GERALDA MAGELA
Estudante de Taguatinga

Andar nas ruas torna-se cada dia mais complicado. Deformamos-nos com os mais diversos problemas. Desde os buracos nas calçadas e as filas para se conseguir entrar na fila, até a difícil procura de ter onde morar. E com isso, nascem as vilas, acampamentos e invasões. Verdadeiros amontoados, que beiram satélites e eixos. Beiram vida. E vântos... talvez de algo mais que não se resume apenas em viver indefinidamente no tempo. Porém, acreditar na esperança de no fim do dia recolher de volta a energia dada em busca do necessário. O feijão, o cobertor e a certeza de não estar só.

Os barracos colados entre si com tiras de madeira perdem-se no espaço, o mínimo. Pelas brechas dessa madeira que o tempo incontinentemente destrói, ultrapassa uma energia toda fa-

milhar. O inconfundível cheiro de "gente".

E tentador procurar entender. Só que não tem o que entender. As possibilidades de quem ser criadas. Existe ainda um alfabeto inteiro para se dar nomes a novos setores.

Não falo só de Brasília, mas do mundo. Mundos diferentes incorporados em pessoas que deixaram sua terra em busca de novos recursos. Pessoas que vieram para Brasília.

Pois bem, que sejam criados e implantados esses recursos. A solução está nas mãos de todos.

A hora é esta. A situação precisa ser pelo menos reestruturada, à medida que se dê ênfase aos problemas de moradia, para que se torne concreta a esperança de milhares de pessoas que sonham com uma vida "mais humana".

Não é preciso ir a Ceilândia para sabermos da gravidade do problema de moradia em Brasília: tampouco é necessário que nos deslocemos até a Vila Paranoá, (a maior favela do DF), localizada bem em frente ao Palácio da Alvorada, tendo apenas o Lago a separá-las. Basta circular no Plano Piloto e seus arredores, onde só na semana passada foram derrubados dezenas de barracos.

"Onde é que isso vai parar?" — pergunta o presidente da Associação dos Moradores de Pla-

naltina e Vila Buritis, Jaime, que diz só ver saída se as autoridades responsáveis se dispuserem a ouvir as sugestões dos habitantes de Brasília, cada vez mais ameaçados pela falta de lugar para morar.

O limite de saturação do número de habitantes do DF está a ponto de ser atingido. Segundo o Secretário de Viação e Obras, Luis Carlos Mello, este número é de um milhão e quinhentos, sendo que mais de um milhão e trezentas mil pessoas já moram — ou tentam — morar em Brasília.

Neste momento, a questão da moradia, preocupa desde o Governador e sua equipe até mendigos, como Luis Ribeiro do Nascimento, que mora há dois anos embaixo de uma ponte, no Plano Piloto, em companhia de sua mulher e mais dois casais de amigos.

Indagado sobre até quando vai continuar morando ali, Luis responde:

— Até quando os "home" derem o lote que prometeram. Ai nós faz um barraco e vai morar lá.



"Brasília é a cara do Brasil"

TANIA QUARESMA

Muitas pessoas têm perguntado "quando começa o Projeto Bem-Te-Vi. O projeto Bem-Te-Vi/Brasília, começou, para mim, quando cheguei nessa cidade.

Tomada por uma energia interessante, tive vontade de conhecer a fundo a história da capital deste País, que percorro e registro há 17 anos. Brasília é a cara do Brasil. Impressionante. Dá até arrepiar.

Então, resolvi morar por aqui até morrer, quer dizer construir um lugar extracópo (porque morar mesmo a gente mora no corpo).

E parti para a ação, convidando algumas pessoas da cidade para juntos abriremos espaços para a "cidade se ver". As séries de TV "Sob o Céu de Brasília" e "Os Pioneiros" iniciaram o processo de "radiografar a cidade, até as víceras, e devolver à sua origem para que provocasse o saudável processo da conscientização.

Essa é a profissão que escolhi, aí entra o tal espírito "Bem-Te-Vi", que amarra o Projeto.

Trabalhar em grupo, que a barra tá pesada (pesadíssima). Tentar manter a "mente quieta, a espinha reta e o cora-

ção tranqüilo", porque "em rio que tem piranha jacaré nada de costas".

Quer dizer, vamos misturar os canais, trabalhar com bom-humor, fazer ginástica, respirar fundo. Rir. Chorar. Se entregar a construir. Abrir novos caminhos. Amar. Agora, não dá pra ignorar que tem gente morando em baixo dos viadutos da cidade.

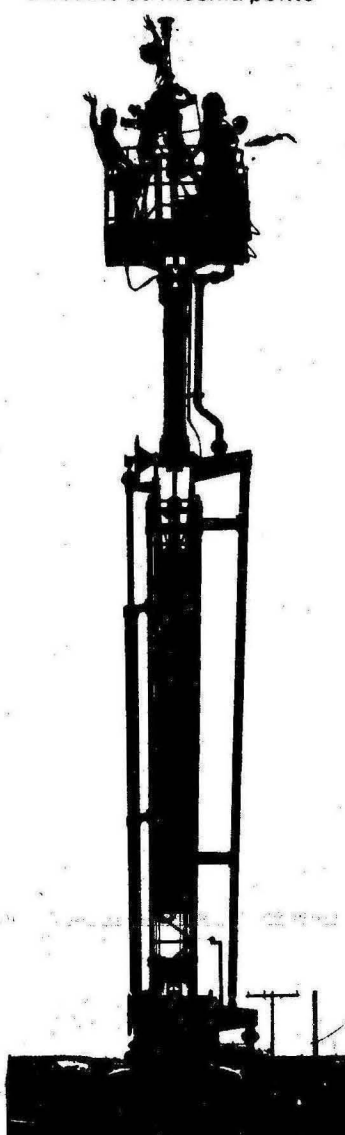
Bem-Te-Vi é o não ao ódio, à guerra dos egos. Um sim ao trabalho, a ação imediata. E tentar trabalhar livre dentro dessa estrutura, a viciada.

E pra fazer isso, é preciso mais que palavras: muita energia. O chamado alto astral. Descobrir o lado criativo das pessoas e situações e ressaltá-lo aproveitando o embalo dessa espiral ascendente que é a vida.

E fazer com arte, com artistas da cidade. Aproveitar todos os espaços, da Ceilândia ao Gama; da esplanada a So-bradinho; voar bem alto, descer às minúcias, ao cerrado Zen, micro, macro, maravilhoso.

Enquanto houver espaço, queremos é mais! Juntos, buscando soluções. Com humor, carinho e trabalho.

Se você pensa assim, Bem-Te-Vi.



A magia da TV... é a magia de se ver... no ar

FALA BRASÍLIA

JORGE FREDERICO

Antes da especulação imobiliária enlouquecer os preços das prestações e alugueis em Brasília, aquele espaço localizado entre as 402/408 Norte abrigava muitas repúblicas de estudantes. Os titulares dos apartamentos eram, quase sempre, funcionários menos graduados que alugavam um cômodo ou até a metade de suas residências. Para assim complementar o orçamento doméstico. Seus inquilinos — geralmente estudantes da UnB — pagavam um preço apenas razoável pela vaga e beneficiavam-se pelo fato daquelas quadras ficarem próximas da Universidade.

No ponto central da área, na comercial da 405 Norte, ficava o "Bonanza". Tratava-se de um bar como tantos outros, mas que gozava de preferência dos boêmios e da estudantada mais chegada ao copo. Uma das razões para o prestígio do "Bonanza" era a generosidade e a confiança incomum de seu proprietário — o Nelson — em sua freguesia.

Mal os ponteiros se aproximavam da meia-noite, Nelson alertava o pessoal, que era quase sempre o mesmo de todas as noites:

— Quem quiser pode ir pedindo a saladeira, que daqui a pouco tô fechando.

Algumas vezes, o pessoal da rodinha chovia. E que eles estavam deveras empenhados numa mão mais concorrida de "palitinho", ou era alguém recém-chegado de uma caçada, cujo relato estava prendendo a atenção dos demais. Então, vinham os apelos; para não passar por chato, Nelson acabava cedendo:

— Tá bom, eu fecho e vocês ficam. Quando saírem, tranquem

a porta e joguem a chave por baixo.

Não lembro de ninguém jamais ter se aproveitado da ausência de Nelson para "meter a mão". Fazia parte do código da rapaziada anotar todas as do- ses. E tinha outro detalhe: raramente ficava-se por mais de uma hora, depois que Nelson se recolhia. Evitava-se, deste modo, o abuso de confiança. O bar, felizmente, seguia sem maiores problemas.

II

Eu era um dos repórteres e Antoni Teixeira Junior, o Teixeira, diretor da sucursal do Globo aqui em Brasília. Nos entendíamos naturalmente e por uma questão de simpatia profissional, ele sempre prestava atenção no meu trabalho. Isso, esclareço, me valeu os melhores estímulos da minha carreira de repórter naquele jornal.

Enfatiado com a cobertura de um Ministério, disse a Teixeira como estava me sentindo. Algum tempo depois, ele me mandou para o Congresso, onde deixei sob a minha responsabilidade a cobertura do projeto que iria resultar na reformulação partidária.

Eu sabia que, para Teixeira, um homem que vivia e respirava política o dia todo, meu desempenho teria de ser o melhor. Assim, durante aqueles meses fiz o possível para não deixar furo, ou traír expectativas. Ao final, aprovada a reforma dos partidos, o MDB e Arena tinham acabado e eu quase vou pelo mesmo caminho...

Uma noite, entro na redação e escuto Teixeira que se dirige a mim:

— Preciso falar com você.

Redigi as matérias daquele dia e fui procurá-lo. Teixeira disse que estava satisfeito com meu rendimento e como o jornal deveria indicar alguém para fazer uma cobertura no Oriente Médio — claro que me- nos exaustiva do que a "pauleira" no Congresso — ele tinha pensado em meu nome.

Fui. Na volta, passamos pela França onde estive num restaurante agradável e diferente. A começar pelo dono, que tinha o ar característico dos velhos revolucionários, até as paredes internas onde haviam pregadas fotos, bandeirolas e slogans dos mais diversos movimentos revolucionários, desde o bolchevismo na Rússia, até os sandinistas.

Porém, a verdadeira novidade estava reservada para a hora de acertar a conta. O cidadão que havia consumido uma refeição consultava os preços prefixados, via quanto podia dar e estava encerrado o assunto.

Tive o cuidado de observar a atitude do proprietário cada vez que alguém se levantava para ir embora. Sentado a uma mesa no fundo do estabelecimento, para minha surpresa ele realmente não tomava conhecimento de quanto as pessoas deixavam na caixa de madeira, onde eram colocados os francos.

III

Sei que estes dois episódios são insuficientes para uma conclusão acerca da índole dos indivíduos ou dos sistemas sociais sob os quais eles vivem. Mas sinto que por trás deles desponta um sentimento mais comum entre as pessoas do que estamos habituados a admitir.

Técnicos discutem o assunto

Durante a recente realização do I Seminário de Desenho Urbano, ocorrido na última semana, em Brasília, foram apresentados diversos trabalhos sobre o problema da habitação no Distrito Federal. Entre estes, destacamos o do arquiteto Geraldo Sá Nogueira Batista, "Expansão de Brasília: Uma Experiência de Macrodesenho".

O artigo — diz seu autor — descreve os parâmetros econômicos, sociais e ambientais que iram a elaboração de um plano para a expansão de Brasília, destacando a proposta de desenho urbano nela contida. A proposta adotada pelo plano foi elaborada a partir da análise de três soluções alternativas e consiste num conjunto de seis cidades servidas por um eixo de transporte de massa. Cada cidade é dividida em duas áreas ambientais, livres de tráfego de passagens e conectadas por um centro pedestrianizado.

O CONTEXTO ECONÔMICO, SOCIAL E AMBIENTAL

De acordo com o artigo de Geraldo Sá Nogueira Batista, alguns parâmetros informam a realização do plano, limitando a formulação de alternativas de expansão e uso do território. Um primeiro grupo desses diz respeito à quase que exclusiva localização de empregos e atividades econômicas, na área do Plano Piloto, daí decorre uma das principais questões a se enfrentar numa perspectiva de médio e longo prazo.

O arquiteto ressalta, ainda, que "no caso do Distrito Federal, as dificuldades a enfrentar são ainda maiores no campo da planificação, inclusive para habitações, dada a inexistência de uma instância legislativa e o fato de o Poder Executivo local ser exercido por delegação do Governo Federal".

GEBAFI

Cabe, ainda, destacar que está em andamento no DF um trabalho realizado pelo Grupo Executivo para Assentamento de Favelas e Invasões. Esse programa caracteriza-se como uma posição inovadora no Distrito Federal em relação ao problema das invasões (favelas). Enquanto as políticas anteriores tinham como objetivo "erradicar invasões", transferindo-as para loteamentos distantes, hoje, procura-se, sempre que possível, urbanizar as invasões no próprio local ou eventualmente criar "assentamentos" em locais próximos à invasão.

A VISÃO DO IAB

O presidente do Instituto dos Arquitetos de Brasília, José Carlos Coutinho, vê o problema

habitacional no DF situado em três níveis principais:

— O da moradia para as pessoas de baixa renda baixa, que são os moradores atendidos pelo BNH e no caso de Brasília pela SHIS, e que têm um emprego, apesar de receberem salários baixos; um segundo nível, formado pelos indivíduos sem renda e que reúne o maior contingente e que são os moradores de favelas e invasões; e o terceiro nível, onde se encontra a classe média que está sendo literalmente esmagada pelo sistema econômico atual.

O presidente do IAB diz que se preocupa com o fato de que está diminuindo a faixa dos que podem pagar, porque cada vez mais é maior o número de pessoas que têm de convergir a venda para despesas como alimentac-ao. Segundo ele, também está ocorrendo um processo de expulsão do Plano Piloto para as cidades-satélites.

Existem, finalmente, os funcionários graduados, a nata econômica, que José Carlos diz que são os que conseguem manter seus rendimentos atualizados. Mesmo assim, para o presidente do IAB-DF, no Plano Piloto há duas tendências: a diminuição progressiva de áreas habitacionais, que são cada vez mais caras nas penínsulas, para atender a esse poder de consumo, o vazio que isto significa para a classe média, habituada a morar bem em Brasília e que sente que esta fase está acabando.

— Os empreendedores financeiros — diz José Carlos — criam esses conjuntos residenciais compostamente chamados de cidades-satélites, que são, na verdade, bombas onde as pessoas se reúnem à noite para tentar recuperar energias que devolverão no dia seguinte a algum serviço no PP.

José Carlos questiona, também, o fato de que, em Brasília o Estado é o principal proprietário de terrenos, o que lhe daria os instrumentos para resolver este problema habitacional de maneira mais satisfatória. Segundo ele, o que mais encarece o preço de uma construção é o solo. No exemplo que temos em Brasília — prossegue o presidente do IAB — o Estado é o grande promotor da construção civil, o que dá margem para se concluir que está havendo alguma distorção.

Para José Carlos Coutinho, é necessário que se faça frente ao problema da habitação acima de questões ideológicas: "Habitação — afirma o presidente do IAB — é direito do ser humano; temos de resolvê-lo de qualquer jeito".

As opções de mutirão implica no Estado tirar dela a responsabilidade de resolver o problema, que é estrutural.

O que está acontecendo é um fruto natural do sistema.

PROJETO BEM-TE-VI, PATROCINADORES

APOIO
CABEÇAS — Centro Brasiliense de Arte e Cultura
Fundação Nacional Pró-Memória

AGRADECIMENTOS
Fundação Cultural do DF
Corpo de Bombeiros do DF (especialmente ao Ten. Eraldo)

GARVEY PARK HOTEL

SHARP
Correio Brasiliense
Parque Nacional de Brasília
Banco do Brasil

COLABORAÇÃO
Cine Foto GB
Tintas Ypiranga
Só Frango
SOBEBE — Sociedade de Bebidas Brasilienses
Mercado dos Tapetes
VENNUS MALHARIA



NOTÍCIAS DA TV BEM-TE-VI

Sobre o programa de TV "Bem-Te-Vi", que deverá ir ao ar na TV Brasília, ainda este mês, informamos que:

Em reunião com a direção da TV Brasília, onde a equipe Bem-Te-Vi mostrou trechos das gravações realizadas no Parque Nacional de Brasília e em diversos pontos da cidade, ficou acertado que o início das edições será imediato. Combinamos, também, gra-

var um programa inteiro no auditório da TV Brasília, programa esse que será o segundo a entrar no ar. Já que o primeiro deverá mostrar o processo de criação da realização de um programa de TV (cenários, coreografia, trilha sonora, trabalho de corpo etc.). Sendo aprovado pela direção da TV Brasília e (importante!) conseguindo os patrocinadores, teremos mais um espaço onde a cidade pode se ver.